

NAS TRILHAS DO FOGO¹

Odisséa Boaventura de Oliveira

“Os homens têm datas de nascimento, mas o homem não a tem.”

(Geertz)

O filme “A Guerra do Fogo¹” apresenta um intervalo ou uma trajetória curta da história evolutiva humana, possibilitando apreender algumas características que faz questão de aparentar bastante evidentes como: alimentação variada; prática sexual; percepção olfativa desenvolvida; prática e superação do canibalismo; diferenças físicas entre tribos; caça; aprendizagem do riso; complexidade da linguagem; domínio de técnicas; armas, moradia e fogo.

Por outro lado o filme também aponta para alguns aspectos bastante discretos, como: domesticação de animais; catação de piolhos; liderança; posição feminina no grupo; constituição do núcleo familiar.

Pretendo nesta análise privilegiar o último aspecto listado acima, tomando-o como fio condutor para o comentário dos demais, procurando entender assim a derivação da família dentro do que hoje é chamado de modelo ocidental com uma configuração patriarcal – monogâmica. Para tal dentre as leituras feitas escolhi a visão de Edgard Morin² que propõe a comunicação entre a Biologia e a Antropologia para o estudo da evolução humana. No mesmo nível utilizarei Desmond Morris que busca identificar no homem contemporâneo a presença evolutiva de traços primitivos. Também utilizarei, secundariamente, a visão de outros autores como Jacob Bronowski, Julia Kristeva e Sigmund Freud.

Antes de apresentar minhas próprias observações sobre o tema da formação do núcleo familiar, gostaria de fazer uma referência à crítica feita por Ricardo Picchiarini e Elias Thomé Saliba publicada na revista “Apontamentos” da FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo) em que os comentadores citados referem-se à pretensão do diretor, Jean-Jacques Annaud, em realizar um épico sobre a conquista do fogo que acaba projetando um modelo de romance atual na pré-História. Vejo, no entanto, a despeito disto, muitos aspectos apontados de forma bastante interessante para serem discutidos em sala de aula com alunos do ensino médio, em disciplinas como Biologia e Filosofia. Concordo com os críticos que muitas idéias presentes no filme foram subaproveitadas, até mesmo em relação à utilização do fogo pelas tribos, assunto que prefiro discuti-lo mais adiante.

Retomando meu propósito, a título de embasamento, quero inicialmente aprofundar a análise das cenas da evolução humana que o filme apresenta de forma bastante evidente, como a **diferença cultural e evolutiva entre as várias tribos**. Os aspectos destacados referem-se ao visual dos indivíduos, ao domínio de técnicas, aos hábitos e à incorporação de certas aprendizagens. É possível observar três níveis evolutivos, chamarei aqui a primeira de tribo “peluda”, a segunda de “intermediária” e a terceira de tribo “pelada”.

Neste caso acredito que o diretor queira, metodologicamente, mostrar as várias fases pelas quais o *Homo sapiens* atravessou até chegar ao que é hoje, sem se preocupar se existiram tantas diferenças num mesmo período, já que as apresentadas equivaleriam, cremos, a séculos de evolução biológica e cultural. Aparecem no filme homens com muitos pêlos cobrindo o corpo, guardando muita semelhança física com os macacos. Estes, podemos considerá-los mais rudimentares, pois utilizam-se de armas encontradas na natureza como pedras, galhos de árvores e alimentam-se de carne, inclusive humana. O canibalismo aqui mostrado é abominado e apresentado como prática já interdita pelo grupo de homens da segunda tribo.

O foco do filme se dá basicamente sobre esta tribo intermediária, a qual alimenta-se dos mais variados tipos de substâncias como piolho, osso, plantas, folhas, carne crua, carne assada, ovos e frutos. Os galhos das árvores, utilizados como armas já são manualmente, embora rudimentarmente, afilados para atingir os inimigos, usam vestimentas de pele de animais e residem em cavernas naturais. Suas mãos são ainda rudimentares em termos de habilidades para movimentos minuciosos no manuseio de objetos.

Já os homens da terceira tribo, praticamente não possuem pêlos, fazem pintura no corpo, usam máscaras no rosto, residem em cabanas construídas, produzem potes e jarros decorados de barro, caçam com instrumentos que lançam flechas, incluem o leite em sua alimentação, dominam a técnica de produzir o fogo. Possuem rituais como a oferenda das fêmeas para o prisioneiro ter relações sexuais, provavelmente mais com o objetivo de obter gravidez segura do que o de proporcionar prazer ao visitante.

Os itens apontados acima demonstram a vivência de uma organização social em que já se sinaliza alguns traços de desenvolvimento de uma cultura parti-

cular, isto é, a criação de elementos que identificam o grupo, inclusive por meio de pinturas corporais, dando-lhes uma marca característica, estando presente a transformação da natureza em seu proveito. Também lhes é peculiar a domesticação de animais, uma vez que se alimentam de leite. O fato de conhecerem a produção do fogo vem acompanhado da prática de divulgação de conhecimentos adquiridos certamente por tentativas. Destaco que a tribo intermediária, assim como a "peluda", procuravam evitar a facilitação da posse do fogo pela outra tribo, invariavelmente considerada rival e ameaça à sobrevivência do grupo.

Esta tribo, a "pelada", pratica o riso, que segundo Morris (1967) é uma manifestação ainda mais especializada que o choro, já que este é partilhado por milhares de outras espécies animais quando sentem dor ou estão assustados. Segundo este zoólogo o riso evoluiu do choro, uma vez que guardam semelhanças como tensão muscular, abertura da boca, retração dos lábios, exagero da respiração com expirações intensas, vermelhidão da face e lacrimejar. Diferenciam as vocalizações que no choro são estridentes de tonalidade elevada. Para ele, quando se diz "rir até chegarem as lágrimas aos olhos" refere-se à relação íntima riso-choro. Porém, em termos evolutivos teria ocorrido o contrário _ "choramos até rirmos".

Outra diferença presente entre a tribo "pelada" e a tribo "intermediária" é o posicionamento dos corpos no momento da cópula. Enquanto a tribo menos evoluída pratica sexo com o macho atrás da fêmea, coito a tergo, a tribo mais evoluída pratica-o de forma que os parceiros fiquem de frente um para o outro. Ao que parece o homem é o único animal que realiza tal ato desta maneira_ face-a-face, o que é natural, pois dada as características de sua sexualidade, seus próprios atrativos e zonas erógenas como a boca, o rubor facial, os seios arredondados, o pênis e a genitália feminina como masculina situam-se na frente do corpo, sempre visíveis segundo a postura erecta definitivamente assumida.

Vale mencionar que, segundo Freud, apresentada em *Totem e Tabu*, esta postura que resultou de um afastamento ou elevação do homem em relação ao chão, o que teria fragilizado a importância do olfato, possibilitou a exposição permanente dos órgãos sexuais e zonas erógenas, doravante alvo da visualização que dá primazia aos olhos em detrimento do nariz.

Relacionando a questão do envolvimento sexual do filme aos dias atuais percebe-se passagens opostas, ou melhor, atualmente o comportamento sexual dos homens, segundo Morris, atravessa três fases que seguem geralmente esta ordem: formação de pares (namoro), atividade pré-copulatória e cópula. No filme ocorre o contrário, a primeira imagem relacionada à prática sexual mostra uma fêmea sendo "estuprada", segundo o padrão sexual atual. Igualmente, no decorrer do filme, a cópula nas outras duas cenas, ainda que com o consentimento e até mesmo por desejo da fêmea, não demonstra qualquer sinal de namoro anterior ou da fase pré-copulatória. No entanto, a última

cena do filme refere-se ao casal observando a lua, com os corpos entrelaçados. Seria então o fato de que o macho e a fêmea necessitam sentir-se vinculados um ao outro para que haja troca de afagos, o que evidenciaria uma maturidade afetiva e sexual.

Fazendo um paralelo com a idéia de Bronowski (1983), a preocupação com a escolha do par é a continuação do eco da força evolutiva mais poderosa, através da qual evoluímos. A ternura e a hora do casamento são a expressão da importância atribuída ao descobrimento de qualidades ocultas no par. Traço universal que permeia todas as culturas. Para ele o sexo é fundamental na evolução cultural, uma vez que as mulheres se casam com homens intelectualmente afins. Preferência esta que se iniciou há mais de um milhão de anos, é a chamada seleção de habilidades, os ágeis e inteligentes, capazes de manter o maior número de cônjuges e filhos em melhores condições de alimentação, desfrutam a vantagem seletiva.

No filme, a fêmea "pelada" se aproxima do macho da tribo "intermediária" por conta dele tê-la livrado dos canibais, o que o colocou no papel de "herói", evidenciando as virtudes ocultas que despertariam, segundo Bronowski, o interesse sexual e afetivo que tornou-os enamorados.

A caça, segundo Morris, surge como uma característica que leva o macho a estabelecer uma tendência para o acasalamento com uma única fêmea, criando portanto a capacidade de se apaixonar. Outro aspecto que pode ter contribuído para a formação de pares exclusivos teria sido a perda dos pêlos, que permitiu chamar a atenção para determinados atrativos como, mamas e mamilos salientes, órgãos genitais expostos, alterações na cor da pele em momentos de excitação e também maior percepção das sensações táteis no corpo.

Com o aumento da excitabilidade sexual, houve necessariamente a introdução de restrições culturais como o uso de vestuários para cobrir as partes genitais e mais recentemente a proibição do incesto, pois, segundo Freud (1974), os selvagens estão mais sujeitos a esta prática do que nós civilizados, por isso desenvolvem maior proteção para evitá-lo, que se configura na forma do horror ao incesto. Na análise freudiana, existe uma relação entre totemismo e exogamia, já que todos os que descendem do mesmo totem _ o guardião do clã_ são considerados parentes consanguíneos, então nestes lugares há uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem.

Visto desta forma, no filme, o fogo poderia ser considerado uma espécie de totem para as tribos que não detinham o domínio de sua confecção, pois representa um elemento de transformação cultural e biológica. Segundo Bronowski, ele é o símbolo do lar, ou ainda responsável pela origem do sonho, como aponta Morin³.

Na visão de Morin, a caça intensifica e complexifica a relação pé-mão-cérebro-instrumento que por sua vez também intensifica e complexifica a caça, ela é o grande *continuum* na evolução, pois surgiu há alguns milhões

de anos, progrediu, acelerou nos últimos 500 mil anos e só decaiu por volta de 8 mil anos atrás. Ela também é responsável pelo olfato desenvolvido que os primitivos possuíam, característica que os possibilitava reconhecer a presença de presas e predadores a longas distâncias. O aperfeiçoamento dos instrumentos presume e proporciona um desenvolvimento mental.

Apesar da ausência de vestígios que permitam seguir a evolução da organização social no sentido da hominização, tomando-se a caça como atividade coletiva é possível imaginar as sujeições e as aberturas que ela determina sobre a sociedade. Por exemplo, entre os primatas, machos e fêmeas mantinham-se no mesmo espaço, o que não acontecia entre os homínidos caçadores que separavam os sexos, de um lado os homens eretos, empunhando suas armas e indo atrás de suas presas cada vez mais longe e de outro as mulheres, sedentárias nos abrigos curvadas sobre as crianças, dedicando-se aos cuidados maternos, ou colhendo vegetal, junto aos jovens. Esta dualidade marca o primeiro modelo de dominação de um gênero sobre o outro.

Acredito que o filme não tenha tido a preocupação em demonstrar estas diferenças entre sexos. As cenas envolvendo figuras femininas são bastante sutis quanto à submissão, o que consta de mais evidente é em relação à prática sexual, pois logo no início as mulheres estão no rio e um dos machos copula por detrás de uma delas sem que a mesma tome parte do ato. Apesar disso é perceptível que a maioria dos personagens são do sexo masculino, os líderes da tribo “intermediária” que saem à busca do fogo são machos, os “guerreiros peludos” do início do filme também o são. Apenas é dado destaque individual à fêmea “pelada” como veículo de integração e transmissão cultural, embora em muitas ocasiões também ela é mostrada em situações de submissão, como a impossibilidade de acasalamento com o protagonista quando este é capturado pela sua tribo e colocado à disposição sexual de determinadas mulheres escolhidas pelo líder masculino.

Outro aspecto bastante destacado no filme é a **linguagem** utilizada para a comunicação, que segundo Morin teve na caça coletiva a necessidade de organização social mais complexa e esta requerendo cada vez mais a comunicação. Kristeva (1969) aponta neste sentido ao afirmar que a linguagem não é uma função biológica, ela é uma função de diferenciação e de significação, isto é, uma função social possibilitada pelo funcionamento biológico.

Diante da pergunta: “*a linguagem surgiu por um processo de desenvolvimento, de progressão lenta ou desde o princípio a linguagem estava formalmente completa?*” (Kristeva, 1969 : 64), Morin coloca mais uma possibilidade, a de que o desenvolvimento da complexidade sociocultural e do cérebro antes do *homo sapiens*, possibilitou a intercomunicação sem que signifique que tudo já fosse gramaticalmente realizado, mas que faltaria à palavra a lógica do imaginário e das idéias abstratas, isto é, a criação de mitos e

teorias. “*Todavia, isso quer dizer que é mais sensato pensar que foi a linguagem que criou o homem e não o homem a linguagem, desde que se acrescente que o homínido criou a linguagem*” (Morin, 1975 : 80)

Morin distingue formas de verbalização, a primeira chamada de conversa informativa, foi a que permitiu aos nossos antepassados nomear os objetos, que adquirindo funções complementares assumiu a forma de conversa de expressão emocional a qual irá acompanhar ou reforçar a comunicação já expressa por meio de gemidos e grunhidos que exprimem sentimentos e emoções de dor ou raiva. A terceira forma de verbalização é chamada de conversa exploratória, trata-se da conversa estética, do falar por falar e por último a conversa catadora a qual não exprime troca de idéias ou de informações, nem os verdadeiros sentimentos das pessoas. Ela tem por função manter o ajuntamento social, atua como substitutiva do catar social.

O espionamento mostrado em uma das primeiras cenas do filme é uma manifestação de afeição entre os indivíduos, substituído atualmente pela conversa catadora, conforme já dito acima. É interessante a forma que Morin relaciona o ato de catar piolhos entre os seres primitivos, medida higiênica e de manifestação social, presente em nossos dias sob várias formas além da conversa, como a ida ao cabeleireiro ou os males que convidam à catação (gripe, tosse, dores de cabeça, dores de garganta etc). Também são bastante presentes as cenas em que os integrantes das tribos lambem-se quando feridos e a isso Morin relaciona um indício de assistência médica cooperativa, ou seja, uma catação especializada.

Voltando agora para a nossa questão central que é a de analisar a formação do núcleo familiar, aspecto pouco explorado no filme. Morin concebe que a família seja o núcleo primeiro da sociedade, enquanto de um lado os grupos primitivos de um só macho constituem um esboço rudimentar de família, por outro, no grupo de vários machos a formação da família é atrofiada, pois existe a ligação mãe - filho, macho - fêmea, mas não existe a ligação pai - filho e apesar de a figura do pai não estar presente não se verifica o incesto entre mãe e filho, mesmo após a maturidade sexual, inibição ligada a um estatuto ou papel de filho e de mãe que persistiu após a infância. No entanto, a possibilidade de incesto entre pai e filha é maior, já que a noção de pai não emergiu com igual intensidade.

Somente quando o homem introduz entre os jovens rapazes o aprendizado das armas, das técnicas, da organização social sob a orientação dos adultos, criam-se ligações pessoais e em especial entre o filho e o pai, o que esboça psicologicamente a paternidade antes de ser reconhecida genitalmente (Morin, 1975). Portanto, a cena final do filme que esboça um núcleo trinitário pai-mãe-filho, certamente não pretende aparentar o reconhecimento de tal formação, mas sim a idealização de uma nova fase em que se cria o mito da geração, sendo no caso, o filho que dentro da barriga da mãe se assemelha muito ao seu suposto progenitor, a lua.

Ainda utilizando as idéias de Morin, o pai traz a complexidade, a família, mas não é suficiente para que se institua a relação pai-mãe-filho, isto é, para que a família se constitua. É preciso que já adulta a criança permaneça filha de seus pais e que estes permaneçam como pais, como casal. Surge então, o efeito sociológico da juvenilização da espécie *sapiens*. Este prolongamento do período biológico da infância e adolescência está intimamente relacionado ao progresso da cerebralização, pois a lentidão no desenvolvimento ontogenético é favorável à aptidão para aprender, ao desenvolvimento intelectual e portanto à transmissão cultural⁴.

Desta forma, esta revolução organizacional, segundo o autor, está ligada à complexidade do cérebro que acaba por levar a organizações mais vastas e complicadas, pois a unidade social fechada transforma-se num sistema social aberto, isto é, as tribos adotando a exogamia caminham para a sociedade aberta, o clã. Outra consequência da exogamia é o aumento da variedade dos genótipos individuais, favorecendo a diferenciação e o fortalecimento das raças.

Percebe-se que para Morin o cérebro é o epicentro da hominização e esta caracteriza-se inicialmente no andar sobre os pés liberando as mãos, as mãos libertam os maxilares, a libertação dos maxilares e a verticalização liberta a caixa craniana. Contudo, ele não reduz a hominização ao desenvolvimento cerebral, mas que ele provoca outros desenvolvimentos e estes outros também o provocam, enfim o essencial da hominização é "um processo de complexificação multidimensional em função de um princípio de auto-organização ou autoprodução." (Morin, 1975:62)

Para finalizar, acredito que este filme pode funcionar como um provocador de muitas discussões além das possibilidades oferecidas pelos temas mais evidentes citadas no início deste texto. Destacando a tentativa de amarrar a constituição da família, sendo este um aspecto que está relacionado inicialmente à caça, pois os machos saem em busca de alimento enquanto as fêmeas permanecem no abrigo, sendo este o fator desencadeador da monogamia e conseqüentemente levando à dominação do macho sobre a fêmea. A monogamia requer a formação de pares, para isso é imprescindível a atração sexual exclusiva, que para maior efeito e exibição leva o homem a perder os pêlos, no entanto, o aumento da sexualidade induz a

certas restrições culturais como vestimentas sobre o corpo desnudo e proibição do incesto.

Com a constituição da família, prolonga-se a fase infantil e adolescente do homem, permitindo maior período para a aprendizagem e com isso o progresso cerebral e intelectual, portanto cultural.

Outra característica evolutiva advinda com a caça é a necessidade de comunicação entre os homens caçadores possibilitando assim maior desenvolvimento da linguagem e esta provocando organizações sociais mais complexas, já que a palavra cria mitos e teorias.

"A guerra do fogo" é um filme que oferece muitas possibilidades de discussões conforme já citado e também abre caminho para a introdução das visões e contribuições de diversos autores ainda que de áreas diferenciadas, mas que estão extremamente relacionadas e mesmo complementares.

Até mesmo o fato do filme ser construído sobre uma linha de progressão biológica e cultural que caminha para uma ordem, onde os grupos étnicos são colocados numa evolução de menos para mais e não de diferenças, é um aspecto a ser observado com reserva, pois apesar das provas arqueológicas nada existe de conclusivo confirmando sua veracidade.

É como diz Elias Thomé Saliba na revista já citada Apontamentos (FDE), "A Guerra do Fogo ainda pode ser um pretexto para se refletir sobre a fortuna ingrata do período conhecido como pré-História no ensino e, até, para uma revisão de nossos vícios pedagógicos nessa área temática".

Notas

1. "A guerra do fogo" (*Quest for fire*, Canadá/França, 1981, direção de Jean-Jacques Annaud, duração 100 min.)

Referências

- BRONOWSKI, Jacob. (1983) - **A escalada do homem**. São Paulo: Martins Fontes
- FREUD, Sigmund. (1974) - **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago.
- KRISTEVA, Julia. (1969) - **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70.
- MORIN, Edgard (1975) - **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MORRIS, Desmond. (1967) - **O macaco nu**. Rio de Janeiro: Record.

Odisséa Boaventura de Oliveira é professora do DTPEN da Universidade Federal do Paraná, mestranda na FE/Unicamp e membro do gepCE/FE/Unicamp. E-mail: odissea12@hotmail.com